

GESTAÇÃO

Ivette G.M.

EM GESTAÇÃO

Dona Marinalda, mulher rica, viúva e dada a passar temporadas em hotéis e Resorts do Norte e Nordeste do Brasil, mais uma vez cumpria esse ritual, que tinha início no outono e só terminava ao final do inverno.

Gorda, bonita e simpática, coberta de penduricalhos reluzentes e os roliços braços cheios de pulseiras, portando seu já conhecido chapéu de sol enfeitado com flores e pássaros, estava refestelada em uma espreguiçadeira sob a fresca de uma frondosa árvore, saboreando seu cocktail e observando a chegada dos hóspedes.

Chegava cedo ao local para verificar e avaliar os hóspedes novos e encher de cadeiras à sua volta, para os hóspedes habituais daquelas temporadas, seus amigos e conhecidos.

Conforme eles adentravam o espaço, dona Marinalda já os chamava ou fazia sinais e, aos poucos, a roda ia aumentando e as conversas agitando. Comentava-se da vida alheia, das fofocas da sociedade, de amigos e de inimigos.

Quando o sol já estava alto e os amigos animados, adentrou o recinto um novo casal, jovem, bonito e elegante, desconhecido do grupo. Falavam em árabe e pareciam muito felizes.

Dona Marinalda, com a curiosidade aguçada sentenciou: estão em lua de mel. Dá para perceber pelos olhares apaixonados e pela forma como estão abraçados. O grupo concordou e passou a fazer comentários e piadas maliciosas, comentando que hoje em dia a instituição da lua de mel estava falida. Não havia mais o encantamento de outrora. Ir para a cama juntos, nos dias de hoje, era a coisa mais corriqueira e nem precisavam ser namorados. O sexo pelo sexo, que anteriormente era um privilégio masculino, agora se tornara privilégio das mulheres também.

Umberto, um dos mais velhos do grupo disse, enfaticamente, que ele havia nascido cedo

demais. Gostaria muito de viver os tempos de hoje. Ah! Que maná dos deuses haveria de provar. Ato contínuo levou um beliscão da mulher, mas não parou de sonhar. Naqueles tempos tudo era muito preconceituoso e hipócrita. Tínhamos que refrear os instintos e fazer de conta que nada sentíamos. Só nos restavam os prostíbulos.

E as mulheres casadoiras, então? Fingiam que não queriam nada, que não gostavam do que aconteceria no casamento, que tudo seria pura obrigação matrimonial. Pois sim, sentenciou. A conversa ia descambar para a discussão quando dona Marinalda interrompeu, dizendo que estava se lembrando do que havia acontecido há dois anos, naquele mesmo luxuoso Resort. Curioso, o grupo cessou as discussões e pediu a ela que contasse o ocorrido. Era o que ela queria. Era a deixa para começar o relato.

“Em um belo dia como o de hoje, eu estava sentada aqui neste mesmo lugar, pois como vocês sabem, é o meu preferido, quando, como agora, vi entrar um lindo casal, só que de franceses. Quando digo franceses vocês já sabem que digo sinônimo de elegância. Como são belos e elegantes! São elegantes na simplicidade. As mulheres não usam quilos de maquiagem, como as norte americanas. Tudo é leve, contido e de bom gosto. Então, não eram apenas lindos, mas muito elegantes também.

Ela estava grávida, em estado bastante adiantado, o que me levou a pensar como ela era corajosa em viajar naquele estado. Ele, por sua vez, tinha o maior cuidado com ela, amparando-a, fazendo-a sentar-se, servindo-a, ao que ela agradecia com um sorriso meigo e afetuosos. Era um casal no qual ninguém podia deixar de reparar.

Eles não saíam muito do hotel. Eu mesma não vi isso acontecer mais do que duas vezes, sempre com um táxi à porta, carro grande e com estofamento muito confortável, para acomodá-la bem.

Passeavam de mãos dadas em torno da piscina, ocasiões em que ele sempre a amparava e cuidava com muito zelo. Sentavam-se nos bancos à sombra das árvores, tomavam sucos refrescantes e conversavam baixinho, com maneiras educadas. Muitas vezes eu os vi na biblioteca, lendo ou recostados nos confortáveis sofás da recepção.

O gerente, muito meu amigo, disse-me que aquelas eram pessoas de muitas posses. Haviam guardado no cofre do hotel muitos euros. Em torno de vinte e cinco mil. Poucas jóias, mas de grande valor. Pensando na gravidez da moça me pareceu razoável que viajassem com dinheiro reservado para uma emergência.

Certa manhã, quando desci para o café não encontrei o casal, que costumava ocupar uma mesa ao lado da minha e tomava seu café no mesmo horário que eu. Chamei o gerente e indaguei se o casal já havia saído ou se deixara o hotel. Ele então me contou que na madrugada houvera um corre-corre daqueles. A futura mamãe se sentira mal e fora levada para a maternidade, a melhor da cidade, diga-se de passagem. Contou-me também que o rapaz pedira para o gerente da noite trocar cinco mil euros em reais, retirando o dinheiro do cofre e pagando no ato. Precisava fazer a caução no hospital e não imaginara que sua esposa fosse lhe dar aquele susto, possivelmente adiantando o parto.

Mais de vinte e quatro horas depois o rapaz apareceu, muito abatido e acabrunhado, barba por fazer e aparentando muito nervosismo. Viera tomar um banho e mudar de roupa. Trocou mais dez mil euros. Sua mulher sofrera uma cesariana, cujo processo pós-operatório não estava correndo bem. Ela estava na UTI e o bebê, uma menina, estava na isolette, com problemas respiratórios. Transtornado, pediu ao gerente que não levasse os euros que já trocara, para a casa de câmbio. Ele não tinha a menor idéia do que poderia acontecer. De toda maneira, ainda lhe restavam dez mil euros para saldar dívidas e, em último caso, as jóias da esposa, tudo guardado no cofre do hotel. Chamou um táxi e saiu de novo, apressado, em direção ao hospital. Tinha os olhos vermelhos e, ao que tudo indicava, havia chorado.

Quarenta e oito horas se passaram e ninguém tinha notícias do casal. Ninguém sabia o que estava acontecendo com a parturiente e com o bebê. O gerente pediu então ao médico que atendia os hóspedes, que fosse ao hospital em busca de notícias e que verificasse se o casal precisava de auxílio. A demora do jovem em dar notícias era preocupante. Será que a moça havia morrido? E o bebê? O transtorno do rapaz, quando tinha sido visto pela última vez, era de cortar o coração.

Pobre casal! Sozinho no Brasil, longe dos familiares e dos amigos. Já imaginaram a situação do coitado tendo que preparar um ou dois funerais, de volta à França, sem conhecer a burocracia do Brasil, sem pessoas para ajudá-lo e ampará-lo?

Uma das operadoras do PABX pediu ao gerente que fizesse pensamentos mais positivos e menos desastrosos. Isso dá azar, sabe? Ela acendera uma vela e todos oravam por aquela família.

O gerente também orava, mas pensava: oras bolas, alguém precisa ser mais prático

nestas horas. As providências necessárias não esperam.

Os funcionários em geral, se lembravam e comentavam a educação e gentileza com que eles os tratavam, as gorjetas com que lhes agradeciam, o sorriso meigo e cativante com que a linda moça francesa presenteava a todos. Infelizmente os hóspedes não falavam o português e só o gerente, que falava francês, conseguia conversar com eles.

Duas horas depois o médico voltou ao hotel. Todos o rodearam querendo saber o que havia acontecido.

O médico falou a queima roupa: não existe ninguém naquele hospital e nem em qualquer outro da cidade com o nome do casal e muito menos uma jovem francesa que tenha dado à luz nos últimos quatro dias e esteve ou esteja na UTI. Simplesmente não há nenhum registro deles na cidade!

O gerente, branco como uma cera, gritou em altos brados, esquecendo-se da finesse devida ao atendimento dos hóspedes: filhos da puta! Golpe! Golpe! Eles me deram um golpe. Estou perdido!

Imediatamente chamou o cambista que trabalhava para o hotel que constatou: os euros são falsos. Sua emissão é perfeita e só uma pessoa muito treinada descobriria a falsificação. As jóias também são falsas. Não resta nada, nem para pagar a conta de sete dias de hospedagem. Eles conseguiram levar um bom dinheiro daqui.

As malas! As malas! Exclamou uma das camareiras. Quem sabe contenham alguma coisa de valor? Ainda estão no apartamento!

Todos correram para a suíte onde o casal se hospedara, uma das mais caras do Resort. As malas foram ansiosamente abertas e ...nada! Vazias, completamente vazias! Os armários também estavam vazios. Não haviam deixado nada de valor ou que pudesse identificá-los.

Ladrões! Estelionatários! Golpistas, balbuciava o gerente, desabando sobre uma cadeira, branco como uma folha de papel, prestes a desmaiar ou a ter um ataque cardíaco.

O ascensorista, sempre muito bem humorado, exclamou: Que gestação, heim? Um belo

parto de quinze mil euros!

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/gestacao-2>